



## ARTIGO

## A sociedade consumista

Nildo Viana\*

O consumo na sociedade moderna significa, fundamentalmente, compra de mercadorias. O consumo não é um “dado”, é um fenômeno social e histórico. Ele é produto de um longo processo histórico que marca a passagem do feudalismo para o capitalismo. No feudalismo, a produção de bens materiais era produção de valores de uso, voltados para a autossustentância. No capitalismo, a produção de mercadorias se generaliza, transformando tudo em mercadoria, objetos de consumo. Ocorre, assim, a separação entre trabalhador e meios de produção e entre unidade de produção e de consumo. A emergência da produção de mais-valia proporciona lucro e é a razão de ser para a produção de mercadorias. Isso gera a dinâmica da reprodução ampliada do capital: a produção gera lucro, que é reinvestido e gera mais lucro, sucessivamente, o que cria o processo de concentração e centralização do capital, gerando os oligopólios que depois se tornam transnacionais. O capitalismo se torna mundial e transforma tudo em mercadoria.

Essa reprodução ampliada do capital gera a necessidade da reprodução ampliada do mercado consumidor. Isso se dá pela transformação de indivíduos não-consumidores em consumidores ou pela elevação do consumo individual. Esse processo se intensifica cada vez mais e, por isso, alguns sociólogos cunharam o termo “sociedade de consumo” a partir do período pós-Segunda Guerra Mundial. Estratégias de produção de “necessidades fabricadas”, obsolescência planejada das mercadorias, modas, publicidade, são algumas das formas de aumentar o consumo individual. O constrangimento ao consumo se revela até em mercadorias que tornam necessária a aquisição de mercadorias complementares, como no caso do computador e até de um hamster (ração-gaiola-remédio-etc.). O consumo vital – de bens necessários para a vida – é reforçado pelo “consumo conspicuo” (Thorstein Veblen), o consumo de bens supérfluos, em busca de ostentação, *status*.

Marx afirmou que “a produção cria o consumo” e é por isso que a sociedade produtivista gera o *homo consumens* (Erich Fromm) e a sociedade consumista, bem como outros problemas derivados (destruição ambiental, lixo). Emerge, assim, o consumismo compulsivo – produto da pressão social, da publicidade, da valorização do ter ao invés do ser etc., – e o impulsivo – gerado pela insatisfação com uma sociedade fundada na futilidade e vazio, provocando a busca descontrolada e obsessiva do consumo, como forma de “satisfação substituta” (Freud).

Como o consumo compulsivo e impulsivo não satisfaz as necessidades humanas, torna-se um fim em si mesmo. Por isso, o par produtivismo-consumismo deve ser superado e uma nova forma de sociedade deve ocupar o seu lugar, substituindo a busca do lucro pela satisfação das necessidades humanas autênticas.

\*Nildo Viana é professor da Faculdade de Ciências Sociais

# Conferência Nacional mobiliza cientistas e sociedade

Oportunidades e desafios para o desenvolvimento sustentável e a promoção da inclusão social apontados na 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação definirão as ações para os próximos dez anos

Michele Martins

Com o tema “Política de Estado de ciência, tecnologia e inovação para o desenvolvimento sustentável”, foi realizada em Brasília de 26 a 28 de maio, a 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CNCTI). A conferência teve mais de cinco mil inscritos e registrou a participação de pesquisadores, estudantes, empresários e segmentos políticos de todas as esferas. Da Região Centro-Oeste foram 2.330 participantes, interessados em como reorganizar e fortalecer os sistemas estaduais, bem como na redefinição de critérios de distribuição regional dos editais nacionais de fomento à pesquisa. Nas diversas sessões foram discutidos os desafios e as estratégias

para a utilização sustentável dos recursos naturais, num contexto que valoriza a inovação e a definição de programas de desenvolvimento em áreas prioritárias e estratégicas.

O governo investe hoje cerca de R\$ 30 bilhões em ciência e tecnologia e estima-se que esse valor possa ser dobrado. Na abertura do evento, o ministro Sérgio Rezende apresentou uma relatório das ações do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) nos últimos sete anos e afirmou que o país vive um momento importante com a consolidação do Sistema Nacional de C&T. Em termos de produtividade científica, o Brasil está à frente de países como Holanda e Rússia. “Esse cenário permitirá a elaboração de projetos mais ambiciosos para as próximas décadas”, afirmou Sérgio Resende. Na sequência, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anun-

ciou um acréscimo dos investimentos no setor. “Até dezembro de 2010 serão R\$ 41 bilhões investidos”, disse o presidente, que também cobrou dos ministérios uma atuação conjunta.

Também não foram esquecidas na conferência as discussões sobre o papel da CT&I na redução das desigualdades sociais e promoção da inclusão social. Foram destacados os problemas decorrentes da falta de uma educação de qualidade desde a primeira infância e a valorização da carreira de professor com base em uma política de Estado, os novos padrões de desenvolvimento estabelecidos pela inclusão da inovação na agenda empresarial, o uso de tecnologias sociais e a conservação do meio ambiente.

A criação de uma Rede Nacional de Popularização da Ciência, Tecnologia e Inovação, coordenada pelo MCT e com a participação de outros ministérios, como Educação e Cultura, foi defendida em uma sessão dedicada à construção da cultura científica. Foi discutida também a necessidade de interação entre cientistas e outros setores da sociedade e a importância do jornalismo científico como mediador nesse processo.

Todas as discussões e propostas da 4ª CNCTI estarão descritas no *Livro Azul de CT&I*, que será um marco para as políticas públicas nos próximos dez anos.

Michele Martins



A pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação da UFG, Divina das Dores de Paula Cardoso (ao centro da mesa), foi relatora da sessão paralela sobre os desafios regionais, territoriais e ambientais do Cerrado e do Pantanal. A mesa foi composta pelo diretor executivo do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), subordinado ao MCT, Márcio de Miranda, pela pesquisadora do Instituto Florestal do Estado de São Paulo, Giselda Durigan, e pelo pesquisador da Embrapa, João Flávio Veloso Silva

Confira mais conteúdo sobre a 4ª CNCTI [www.jornalufgonline.ufg.br](http://www.jornalufgonline.ufg.br)

## De volta pra natureza contribui com conscientização ambiental

Illa Rachel

Quem frequenta o Câmpus Samambaia sabe da presença de macacos-pregos nesse espaço. Eles habitam o Bosque Auguste de Saint-Hilaire e podem ser vistos perto das lanchonetes, lixeiras ou seguindo as pessoas que circulam com alimentos. Para diminuir esses problemas, desde 2007 vigora o projeto *De volta pra natureza*, que objetiva a melhoria da relação homem-animal. O projeto, que envolve a Pró-reitoria de Pesquisa e Graduação (PRPPG), o Instituto de Ciências Biológicas (ICB), o Hospital Veterinário (HV) e o Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef), tem o apoio do Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e procura monitorar e cuidar da saúde dos animais. Entre as medidas propostas estão mudanças na forma de coleta e de acomodação do lixo no câmpus, campanhas de educação ambiental e a vasectomia de alguns animais.

Segundo a professora Luciana Batalha, da Escola de Veterinária, a cirurgia foi feita em dez animais, em dezembro de 2009. Os macacos foram capturados em gaiolas e submetidos a exames físicos e laboratoriais. As cirurgias foram realizadas no Hospital Veterinário da UFG, que dispõe de infraestrutura para um procedimento seguro. De acordo com Luciana Batalha, os animais apresentaram boa recuperação e foram soltos 48 horas depois da intervenção cirúrgica. O professor Fabiano de Melo, do Câmpus Jataí, explicou que a medida visa ao controle populacional sem a intenção de exterminar os animais.

Com relação ao problema do lixo na universidade, a coordenadora do projeto, Marilda Schu-

vartz, afirmou que houve a instalação de novas lixeiras e uma melhora na coleta dos resíduos. Ela explicou também que são feitas reuniões frequentes com as equipes de limpeza, no intuito de mostrar o porquê de não alimentar os macacos e esclarecer dúvidas sobre os animais e sobre o acondicionamento do lixo.

O impacto da campanha ambiental foi positivo, já que tanto os estudantes quanto a Reitoria passaram a reconhecer a situação como problemática e se dispuseram a buscar soluções. Marilda Schuvartz enfatizou que a campanha deve ser permanente, uma vez que a população que frequenta o câmpus é flutuante e é necessário que todos sejam orientados.